

Contato e catequese nas Missões de Maynas (século XVII)

Fernanda Girotto¹

Durante o período colonial, europeus e americanos estabeleceram contatos das mais variadas naturezas e o trabalho de catequese levado a efeito pelas congregações religiosas foi um das variantes deste “encontro”. Dele resultaram efeitos de diversas naturezas, alguns de ordem material, outros de ordem simbólica, bem como textos que buscaram registrar os processos em curso.

O presente estudo busca, através da utilização de alguns desses relatos, observar como se deram alguns dos contatos estabelecidos entre missionários e indígenas na Missão de Maynas² no Alto Amazonas, durante o século XVII. Os indígenas que sofreram a experiência de estar nas reduções desta missão pertenciam a variadas etnias, entretanto, os maynas³ foram os primeiros a serem aldeados. Pretendemos, aqui, acompanhando a grande renovação operada nos estudos sobre as missões, pensar os indígenas como atores conscientes de sua atuação, como sujeitos históricos que contribuíram ativamente para este processo.

Este ponto de vista contraria o que uma historiografia mais tradicional propõe. O que comumente predomina nela são interpretações do passado que percebem o indígena como vítima passiva dos acontecimentos e da brutalidade do conquistador europeu. O que pretendemos, entretanto, não é um discurso dos vencidos – como o denominam alguns historiadores. Nem tampouco queremos afirmar que as armas de fogo não tiveram peso no estabelecimento de muitas das situações. Entretanto, sabemos que esta não foi a única forma de relação que operou sobre os sujeitos envolvidos e que o inusitado ou mesmo a violência geraram mais do que a apatia ou submissão por parte

¹ Mestranda em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e bolsista CNPq.

² Os primeiros missionários jesuítas chegaram na região do Alto Amazonas por meados de 1638. Eram eles Gaspar de Cujia e Lucas de la Cueva. Alguns espanhóis já ocupavam a região, instalados em uma vila chamada San Francisco de Borja. Foram estes colonos que solicitaram a presença dos religiosos, na esperança de apaziguar os ânimos dos nativos que vinham promovendo rebeliões contra a presença européia na região. As Missões de Maynas chegaram a abranger o território de vai desde o sopé dos Andes até a confluência do Rio Negro com o Rio Marañón.

³ Etnia indígena que vivia na área próxima ao Rio Pastanza.

dos indígenas. Em alguns casos, mesmo a perspectiva de que os índios apenas “reagem” vem sendo revista.

Os documentos que aqui utilizamos foram confeccionados por missionários da Companhia de Jesus que aí atuaram entre os séculos XVII e XVIII, do início da missão até a sua expulsão do domínio espanhol em 1767. Através de uma leitura crítica das fontes pretendemos analisar as crônicas dos seguintes jesuítas: Francisco Figueroa (1661), Manuel Rodríguez (1684) e Samuel Fritz (1691).

Estes textos permitem perceber características importantes a respeito das formas como se davam as negociações entre os missionários e as populações nativas, e inclusive que, em algumas circunstâncias, isto ocorria atendendo a interesses que provinham dos indígenas. As crônicas estudadas narram alguns exemplos de como ocorriam as aproximações iniciais, de como os padres buscavam passar seus ensinamentos e do que toleravam das “formas antigas” da vida dos índios. Também percebemos como os indígenas recebiam esta nova forma de vida e como a adaptavam, entre outros casos de possíveis situações dentro desta dinâmica.

A catequese

As tentativas de catequisar as populações da várzea do Alto Amazonas e seus afluentes iniciaram-se ainda no início do século XVII, porém sem sucesso. Com a chegada de missionários jesuítas, após 1635, enviados e apoiados pelo Colégio de Quito, alguns trabalhos mais sistemáticos foram iniciados. Estes trabalhos primitivos foram feitos junto a índios que estavam a serviço dos espanhóis, bem como por meio de “missões volantes”, em que os jesuítas percorriam as aldeias próximas para tentar evangelizar seus moradores.

É importante esclarecer que estas missões tiveram por principal característica sua instabilidade. As dificuldades dos padres em estabelecer-se eram evidentes e causadas por uma série de fatores que exploraremos mais tarde. Desta forma, a catequese era praticada de acordo com as possibilidades e recursos de que dispunham

naquele momento⁴. Os primeiros contatos, antes de iniciarem efetivamente as doutrinações, se davam, sempre que possível, com escolta de soldados armados e/ou com a presença de indígenas já convertidos. Ou seja, de nativos que já fossem colaboradores⁵ dos europeus e que, desta forma, auxiliavam nas viagens e negociações. Outro aspecto importante, é que a mediação nem sempre foi realizada por um indígena da mesma etnia em relação a qual se tentaria negociar a conversão.

Segundo o Padre Manuel Rodríguez,⁶ os espanhóis fixados na região praticavam “o ensinamento de crianças, que soubessem a Doutrina Cristã” (RODRÍGUEZ, 1680, p. 160)⁷, ou seja, os missionários já vinham ensinando a doutrina a alguns indígenas, principalmente para crianças, para que pudessem auxiliar na catequese. Um segundo aspecto, não menos importante, é que ser acompanhado por escoltas ou por indígenas não era uma regra, apesar de ser comum. Em muitos casos os padres realizavam a tarefa de contatar as populações de forma solitária, ou ainda acompanhados somente por alguns indivíduos já convertidos.

Era comum que os missionários fizessem contatos com os caciques num primeiro momento, antes de entrar em contato direto com o grupo a ser catequizado. No segundo momento solicitava-se que alguns jovens fossem viver com os padres por um tempo, estratégia que foi usada pelos jesuítas em várias áreas de missão. Desta forma, quando estes já tivessem algumas noções consideradas necessárias, inclusive da língua que o padre utilizava, eles serviriam de intérpretes e de auxiliares.

⁴ Para compreender melhor algumas formas de proceder dos missionários é importante ter em mente a série de recomendações que os jesuítas deviam seguir. Estas recomendações poderiam provir, tanto da regulamentação interna da Companhia, quanto dos Concílios que adaptaram as normas de Trento para a realidade americana.

⁵ É importante considerar que aqui estamos compreendendo por colaboradores aqueles indígenas que estabeleceram algum tipo de acordo com os europeus – seja este comercial, laboral, religioso, etc. Isto porque a presença destes europeus só pode dar-se a partir da contribuição dos indígenas que aceitaram negociar de alguma forma com a empresa colonial.

⁶ Manuel Rodriguez estudou no Colégio dos jesuítas de Quito. Em 1678, tornou-se “Procurador general de las Provincias de Índias”. Em função de seu cargo, produziu “*El Marañón y Amazonas, Historia de los descubrimientos, entradas y reducción de naciones ...*” com intuito de divulgar os trabalhos das missões e despertar vocações, atraindo missionários para as obras na América. Além de divulgar as missões, o elogio ao esforço dos padres, característica de seu livro, é utilizado como estratégia para conquistar “*nuevos operarios*”⁶ para as missões.

⁷ No original: “enfeñança de muchachos, que fupieffen la Doctrina Chriftiana”. Tradução do autor.

Ao falar sobre a disposição que alguns índios supostamente teriam em receber a catequese, o Informe de 1661 do Padre Figueroa⁸ nos aponta algumas maneiras de estabelecer contato. Isso quando se tratava de comunidades com as quais ainda não houvesse existido comunicação anterior:

Quando no se halla modo de comunicarles con seguridad, suelen balerse de armadas para ir á la nacion que pretenden, procurando cercar la primera casa que encuentran, y coger con el modo que se les ofrecen algunas personas, y sossegándolas, si ay intérpretes, darles á entender la paz que procuran y que no ban á matarlos. Si no los ay sacan consigo algunos muchachos, que despues de algun tiempo, hechos ladinos en algun idioma de los nuestros bolbiendo a sus tierras sirben de intérpretes para reducir á sus parientes. (FIGUEROA [1661], 1986, p. 249)

A narrativa revela, em primeiro lugar, a marca da violência nestas investidas. E que, mesmo que a intenção dos padres seja pacífica, a forma de abordagem é agressiva. Contudo, ela esclarece que também os “espanhóis” tinham medo, e que esta insegurança estabelece que ajam de forma a impor-se diante dos nativos. Entretanto, percebemos também, que os próprios indígenas acabam por acabavam sendo auxiliares e promotores de contatos e acordo futuros. O socorro e a iniciativa destes sujeitos foram essenciais para a permanência e atuação dos europeus no território amazônico, o que aponta a necessidade para questionarmos o uso da relação genérica “índios versus espanhóis” para refletirmos sobre esta dinâmica.

Outro exemplo interessante deste tipo de situação é trazido pelo mesmo missionário. Ele registrou em seu Informe expectativas que criou após alguns contatos e pregações entre os maynas. Os nativos deveriam aprender a falar quéchua e seriam introduzidos nesse idioma vivendo junto aos padres:

Tambien ay que trabajar y bautizar otras diferentes naciones que se traen á esta província de Maynas y á la ciudad, en órden á que sirva, á los vecinos y se crien y hagan aptos em la lengua del Ingá, para traer á sus parientes que están de paz ó se espera que la darán, de que se an bautizados algunos centenares. Desta mies ay muchas vezes que hacer, porque bien muchos de nuevo y otros se buelben á sus tierras; aunque no sea de mucha gente, no es el menor trabajo por ser idiomas diferentes, para lo qual es necessário aya intérpretes de todas las naciones, y com este fin los procuran y crian los Padres em la casa de Borja. (FIGUEROA [1661], 1986, p. 165).

⁸ Francisco Figueroa nasceu no “Reino de Nova Granada”, atual Colômbia, em 1607. Bastante jovem ingressa no Seminário de São Luis de Quito, onde desenvolveu diversas faculdades intelectuais. Aos 23 anos de idade entrou para a Ordem Jesuítica, isso em 1630. Chegou a lecionar, durante algum tempo, no Colégio onde estudara, porém em 1638 é destinado a trabalhar no Colégio de Cuenca, juntamente com o Padre Cristóbal de Acuña, autor de um famoso texto *Nuevo descubrimiento del gran río del Amazonas*, do ano de 1639.

Além de apontar o local utilizado para ensinar uma segunda língua aos americanos – infrutiferamente pretendeu-se que fosse o idioma incaico - a passagem destacada permite perceber algumas outras das características da catequese nessa região. Isso porque, o missionário desejava – conforme ele mesmo escreveu – a partir dos indígenas maynas já catequizados, converter não somente seus parentes, mas também outros grupos étnicos.

É importante enfatizar aqui que, aos poucos, os padres da Companhia pretendiam introduzir a língua quíchua⁹, com a intenção de padronizar o idioma falado¹⁰. Isso facilitaria não só a comunicação com os catequizados, mas também entre os próprios indígenas dentro da missão. Os jesuítas acreditavam que a padronização da linguagem ajudaria a esquecer as diferenças e atritos entre as etnias que fossem dividir o espaço de uma mesma redução. Além disto, a uniformização pode ser vista como uma forma de facilitar o controle sobre os catecúmenos.

A preocupação dos jesuítas acerca da comunicação com os índios foi um tema comum em todos os espaços americanos de missão e era objeto de atenção especial. Embora o aprendizado das línguas indígenas tenha sido considerado pelos jesuítas um elemento indispensável para a catequese, os riscos implicados na operação de traduzir os conceitos cristãos nunca estiveram afastados de suas preocupações.

Outra descrição de Figueroa nos aproxima da percepção dos jesuítas sobre a catequese entre os povos da região das Missões de Maynas:

Para alivio de esta penalidad, con gente tan bruta, tosca y bárbara, era de grande consuelo ver el gusto y alegría que mostravan los pobres maynas, con toda su barbaridad y tosquedad, oviendo la doctrina cristiana, y viendo lo que con ellos se hazia, repetian lo que se les enseñava, y lo decian á los que no lo avian oido, de modo que me certificó el Padre que en las últimas encomiendas tuvo ménos trabajo por lo que ya savian y avian deprendido de los primeros. Perciven la doctrina, porque se les da á entender con pergutnas breves, y como á niños se les da á beber en sorbos pequeños. No son capaces todas las naciones de este rio de razonamientos largos, ni de perguntas y respuestas estendidas, y más aviendo de ser por medio de intérpretes. El medio más á la propósito y proporcionado á su capacidad es el referido, (FIGUEROA [1661], 1986, p. 162).

⁹ Pretendiam utilizar a língua do Império Incaico por ser “*lengua geral*” em amplas áreas da América do Sul. Além disso, os jesuítas já dominavam o quíchua, uma vez que tinham atuado nas Reduções promovidas pelo Vice-Rei Francisco de Toledo a partir de Lima.

¹⁰ “Y á La verdad, conbiene mucho que se ponga la mira y toda diligencia en procurarla introducir en todas las partes, porque es más proporcionada que la castellana á la capacidad destes indios, y se les pega, la entienden y hablan más fácilmente.” (FIGUEROA [1661], 1986, p. 254).

Podemos entender, no discurso do narrador, que ele não foi capaz de apreender a complexidade do quadro que se apresentava diante dele¹¹. Os indígenas estão passando oralmente os ensinamentos católicos, como fazem com seus próprios costumes. Daí é que viria a suposta facilidade do padre em doutrinar os últimos grupos. Em outras palavras, a comunicação entre eles se dava de tal forma, que lhes era possível não só praticar o comércio ou trocar outro tipo de informações pragmáticas entre populações de mesma língua ou de línguas diferentes, mas também de transmitir conhecimentos e conceitos abstratos, o que aponta a complexidade desta comunicação.

O trecho citado acima pode nos ajudar a refletir, ainda, sobre a sistemática utilizada para comunicar os ensinamentos cristãos aos indígenas. Os padres falavam aos intérpretes que traduziam para a língua correspondente dos ouvintes. Para que pudessem ser catequizados, os indígenas deveriam saber o que o padre lhes informara, repetindo os ensinamentos. Esta sistemática foi descrita em diversos momentos, como por exemplo, em algumas pregações feitas entre os maynas que já conviviam com os europeus nas *encomiendas*:

Por esta causa el P. Gaspar de Cugia (quien por este tiempo estava solo en la Mission, por aver ido el P. Lucas de la Cueva á Quito y passado á las Barbacoas) trató el año de 1640 de tomar el trabajo y hazer esta buena obra á los pobres maynas. Hízole con buenos y fieles intérpretes (de que ya avia muchos enseñados entre los españoles y ladinos en lengua del Inga) varias pláticas y catecismos, dos veces al dia. Dándoles a entender los misterios de la fé que avian de creer y la ley de Dios que avian de observar, enseñádoles á que se doliesen y arrepintiesen de las culpas passadas. Después hacia el mesmo catecismo y preguntas a cada uno en particular, que es como el exámen para ver si an percebido y entendido lo que les enseñava. Con esta diligencias, y tomándoles su consentimiento y voluntad de se christianos, los bautizaba, gastando en los bautismos desde la mañana hasta la noche, por ser en algunas encomiendas mucha la gente que se bautizaba, y ponerles juntamente óleo de chrisma á los que no lo tenían, y revalidando también muchísimos matrimonios. (FIGUEROA [1661], 1986, p. 162).

Aparentemente, o método empregado era bastante simples, os nativos deveriam reproduzir o que lhes fora dito. Geralmente, os padres reclamam da dificuldade de fazer os americanos compreenderem os ensinamentos e os seguirem, principalmente quando o padre não estiver presente na missão para corrigi-los e vigiá-los. Isso gera dois tipos de insatisfação com relação à catequese para os já convertidos e para novas conversões. O

¹¹ Vale salientar que o religioso, como qualquer outro sujeito histórico, é influenciado pelo universo cognitivo em que atua e está inserido. Desta forma, não pretendemos, aqui, fazer nenhum tipo de juízo de valores das atitudes ou do ponto de vista dos cronistas utilizados.

primeiro diz respeito a dificuldade de manter os convertidos dentro da missão e seguindo os ensinamentos que tinham recebido. Os grupos reduzidos não deveriam permanecer muito tempo sem supervisão do padre, pois corriam o risco, segundo Figueroa, de esquecê-los com facilidade:

Van saliendo poco á poco, vnos aora, otros despues, y tambien se van y se vienen, porque no ay modo de apretarlos más para retenerlos en su poblacion. Lo principal es no tener sacerdote proprio en su pueblo que los doctrine y mantenga (FIGUEROA [1661], 1986, p. 219)

Sabemos que os missionários costumavam ressaltar a falta de pessoal para melhor levar adiante seu trabalho e, de fato, dada as dimensões do território de Maynas, esta deveria ser uma séria dificuldade. Mesmo que o intuito da descrição seja ressaltar esta carência, ela nos aponta também que o fluxo de movimentação dos indígenas tanto para dentro quanto para fora da missão é comum. Desta forma, eles permanecem ou abandonam os povoados conforme seus próprios interesses.

Tal fato está relacionado, também, à imagem que o missionário assume diante dos índios. Como o contexto é de violência e de constante ameaça de apresamento, a missão pode ser vista como espaço mais seguro. Assim, o jesuíta se torna uma espécie de protetor dos reduzidos”, uma vez que a ausência dele deixaria estes recém convertidos novamente à mercê dos colonos. Lembremos, também, que as incursões de portugueses na região eram recorrentes, o que aumenta a intranquilidade das populações que não estão sob a tutela dos jesuítas e, como nos revela o Diário do Padre Fritz, mesmo daqueles já convertidos.

O segundo tipo de insatisfação tem relação com a já referida questão da pequena quantidade de padres para trabalhar em novas conversões. Nos registro de Manuel Rodríguez (1684), este aspecto é destacado:

Las mas deftas Provincias estan muy distantes del Curato de Borja, pero a todas pero a todas procura eftenderfe el zelo de los pocos Operarios, que las afsiften, del modo, que feira refiriendo, y aunque pedian, como lo fiente el Provincial del Novo Reyno, tantos Obreros, como tine Sacerdotes en la America, veremos afsistidas eftas Naciones de los pocos, que fe enplean em fu enseñansa (...)(RODRÍGUEZ, 1684, p. 164).

Os religiosos percebiam o trabalho que realizavam como prejudicado, por não poderem dar a devida assistência aos convertidos, o que também está muito presente na

narrativa de Samuel Fritz¹². Além disso, não conseguiam contatar a quantidade de comunidades que desejavam, por serem poucos, pelas longas distâncias e pela grande quantidade de índios a serem atendidos. Devemos lembrar aqui que Rodriguez se apresenta como Procurador das Missões de Maynas na época em que redigiu a obra. Com isso, vale destacar a importância das chamadas “condições de enunciação” de seus discursos¹³, pois a tarefa desse missionário era justamente zelar pelo melhor funcionamento das atividades. Fritz, por sua vez, reclama apoio das autoridades contra os portugueses e para levar adiante o trabalho. Como os demais jesuítas da região, acreditava que o seu pequeno número diante das dimensões do espaço e das populações envolvidas, estaria prejudicando os trabalhos já realizados e inviabilizando novos.

Assim, mesmo em crônicas do final do XVII, como é o caso daquela de Fritz, a catequese continua sendo descrita como inacabada e a falta de “operários” apontada como um grave problema do qual se ressentiam os índios. São recorrentes as situações em que os indígenas reclamavam a ausência do padre nas reduções, ou momentos em que os convertidos pediam para que o missionários não deixassem a missão, o que era comum na Amazônia, uma vez que cada sede de povoado tinha seus “anexos”. Efetivamente nos registros dos três cronistas encontramos apontamentos sobre o problema de haver poucos padres e muitos índios para serem convertidos.

A Missão de Maynas não era o destino preferido dos jesuítas que partiam da Europa para “maior glória de Deus”. O lugar mais desejado para seus trabalhos era o Oriente¹⁴. Mesmo no Novo Mundo, as Missões do Paraguai logo passaram a se apresentar como as mais prestigiadas. As populações amazônicas eram consideradas mais “bárbaras” e difíceis de serem evangelizadas. Não tinham cidades, nem autoridades políticas que pudessem ser plenamente reconhecidas pelos europeus, e mesmo sua relação com o sagrado era quase irreconhecível. O ambiente, por sua vez,

¹² Samuel Fritz nasceu em 1664, na região da Boêmia. Aos dezoito anos (1672) entrou na Universidade de Filosofia de Praga e, no ano seguinte, tornou-se membro da Companhia de Jesus. Em 1679, tornou-se vice-reitor de um colégio jesuíta e, em 1680 começou a estudar teologia. Após algumas solicitações aos superiores da Ordem, em setembro de 1684, sai da Europa rumo a América, com intuito de catequizar índios. Chegou em Quito em agosto de 1685 e seguiu para as missões de Maynas. Durante os quase quarenta anos em que trabalhou nestas missões fez anotações em seu diário pessoal que foi, contudo, perdido em parte, bem como “editado” por seus colegas jesuítas.

¹³ Sobre o tema ver DE CERTEAU, 1982.

¹⁴ Para onde foram Francisco Xavier - modelo por excelência para todos missionários posteriores -, Roberto de Nobili ou Mateo Ricci, entre outros.

impunha obstáculos penosos para os europeus que não estavam habituados a um cenário marcado pelos rios caudalosos e pelas florestas que os cercavam, além do calor úmido e do sempre presente incômodo dos insetos. Além disso, as populações encontravam-se dispersas, de forma que a distância entre elas era grande, apresentando padrões de assentamento que podiam implicar em deslocamentos sazonais, “lidos” pelos jesuítas como mostra de sua “inconstância”.

É claro que, em alguns casos, os padres poderiam estar descrevendo as dificuldades encontradas de maneira um tanto exagerada, o que está de acordo com a própria natureza de seus textos que eram escritos, no mais das vezes, para atender ao desejo de edificação. É possível pensarmos que esta era também, parte de suas estratégias narrativas, ao apresentar o trabalho catequético sempre em processo de desenvolvimento, mas nunca concluído. Além da necessária “motivação” para a vinda de mais recursos e missionários, estas caracterizações poderiam estar ligadas a outra situação. Lembremos que a Igreja e o corpo social se fundem de modo que a fé determina, também, a categoria social do indivíduo. Em outras palavras, no momento que o índio fosse reconhecido como cristão ele abandonaria a categoria que justificava sua inferioridade. Com isso, o trabalho missionário passaria a ser desnecessário, pois se o indígena já estivesse seguramente convertido, ele estaria apto a seguir os mandamentos de Deus através da Igreja, sem precisar estar inserido especificamente na Missão¹⁵.

Outro ponto importante para se destacar no processo de catequização, em que a religião e o corpo social se fundem para garantir a continuidade do aparelho colonial, é no que tange à “força militar”. A Coroa concedia, conforme seus interesses, soldados para auxiliarem os missionários nos contatos com os indígenas. Vale salientar que, mesmo depois de estarem nas reduções, os indígenas não se transformavam em sujeitos passivos e submissos a desejos alheios, nem mesmo se fossem eles os padres. Sabemos que, muitas vezes a não sujeição ao domínio europeu pode ser exemplificada pelas constantes fugas das *encomiendas*¹⁶ e das próprias missões. Desta forma, os jesuítas

¹⁵Ver ESTENSSORO apud NOVAES, Aduato. A outra margem do ocidente. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

¹⁶ O sistema de trabalho compulsório mais comumente implantado na América foi a *encomienda*. Nele, o índio era confiado (encomendado) a um espanhol, que tinha – teoricamente - o dever de protegê-lo e catequizá-lo, e em troca, esse espanhol teria serviços prestados pelo indígena como tributo. Essa prática tem origem castelhana e é utilizada pelos espanhóis em suas colônias americanas.

solicitavam, em alguns casos, a presença de soldados para que acompanhassem os contatos iniciais. Mas também ocorreram momentos em que pediam a ajuda de soldados para resgatar índios que fugiam das missões por não aceitarem a catequese, o que também revela os limites da ascendência dos padres sobre eles.

As tentativas de catequização dos *cocamas*¹⁷, realizada como parte da mesma Missão de Maynas, é um exemplo interessante para auxiliar nesta reflexão. Por haver fama de serem hábeis guerreiros e por habitarem espaços mais afastados da Vila de Borja, em meados do XVII raramente os religiosos haviam entrado em contato com eles. Sem a presença de forças espanholas e de alguns indígenas já convertidos para dar suporte e proteção este contato se apresentava como particularmente

Fueron en armada que constava de solos veinticinco soldados, y de los amigos xeberos, cocamillas y maynas los que pudieron disponerse em vnas treinta canoas (...) llegando a oír la lengua cocama en los que iban para intérpretes, que eran dos ó tres indos. (FIGUEROA [1661], 1986, p. 206).

A desconfiança e insegurança pairavam constantemente sobre os ânimos dos missionários, mesmo sobre os intérpretes que os estão auxiliando. Os indígenas geralmente eram tratados como seres que mudam de humor e de caráter com tanta facilidade que podiam se voltar contra os padres a qualquer momento.

Entretanto, os indígenas também sofreram as consequências da presença europeia sob o manto da insegurança e da tensão. A partir disso podemos afirmar que as armas de fogo e os soldados seriam uma espécie de garantia aos padres de que seriam respeitados. Através das descrições podemos perceber que as armas de fogo são ainda mais do que mera garantia de não serem atacados, mas também, um fator que influenciava na conversão, na medida em que compreendemos o temor dos indígenas a elas. Em outras palavras, o medo das armas de fogo e das ações escravistas dos colonos, não podem ser vistos como fatores únicos a estimular a aproximação dos nativos aos jesuítas. A curiosidade e a busca por apropriarem-se de um aparato simbólico que lhes parecia forte e eficiente [a magia dos padres] também devem ser considerados. O mesmo vale para a “expertise” jesuítica nos procedimentos de aproximação.

¹⁷ Sobre os *cocama*, Rodrigueiro (2008) nos aponta que foram atribuídos a esta nação, durante o período colonial, elementos que se tornaram responsáveis pela construção de um perfil desta sociedade como cruel e perigosa. Os dados que deram maior destaque a este perfil foram os que remetiam ao seu “caráter belicoso”. Além disto, ressaltou-se destreza na navegação, bem como o domínio da hidrografia. Desta forma, este grupo inspirava grande temor aos demais povos da região; consequentemente, causava temor também aos missionários.

Em muitas oportunidades as negociações podiam ser feitas através de “embaixadas”. Não era raro que o sacerdote enviasse alguns presentes para o “principal” da aldeia como forma de mostrar boas intenções. Depois disto, convidava-o a conhecê-lo, demonstrando assim suas intenções de cristianizar os indígenas que o seguissem. É o que encontramos no caso de novas reduções no rio Paranapura:

(...) embió El Padre recados al cacique principal de los muniches, covidándole le biniense á ver al Padre com algunos de sus sugetos, á quienes habló y acrició em órden á tenerlos em amistad, y que diessen la obediência á Su Majestad y admitiessen al ser dotrinados; y dáolos algunas hechas y herramientas (princiapl cariño y añagaza para ganar estas gentes), los despacho. Dando el Padre razon de todo al P. Bartolomé Perez, que era Superior y estava em Borja se determino á embiar outro Padre que tratasse de fundar vna reduccion de paranapuras, chayavitas y muniches (...) (FIGUEROA [1661], 1986, p. 199).

A política da troca de presentes e de envio de recados é bastante recorrente, principalmente em se tratando dos primeiros contatos. Os jesuítas descrevem estas práticas como forma de demonstrar boas intenções para com os grupos que pretendem contatar. Talvez sem perceber, colocavam assim em ação um circuito de dom e contra dom que tinha forte significado para os grupos indígenas¹⁸. Essa prática funcionava como uma via de mão dupla, pois da mesma forma como os padres presenteavam os indígenas para demonstrar que os queriam bem, os indígenas agiam da mesma forma.

Os presentes significam não só boas intenções e garantia de contatos amistosos durante os primeiro encontros, mas também sinal de apreço para com a presença dos religiosos nas reduções. Um dos fatores que pode, em parte, explicar este comportamento é o fato de que, com a permanência dos jesuítas, os indígenas consideravam-se a salvo dos apresamentos feitos pelos colonos para explorar a força do seu trabalho. A partir daí, o padre assume um papel ligado à segurança dos convertidos sendo sua presença a garantia de que estariam protegidos¹⁹. Desta forma, o envio de presentes, as recepções festivas, as despedidas tristes, são registradas recorrentemente

¹⁸ Sobre isto ver: MARTINS, M. Cristina B. As sociedades indígenas e a economia do dom: o caso dos guarani. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3125&secao=324> acesso em junho/2011.

¹⁹ Fritz, nos aponta uma situação que pode ilustrar este aspecto: “Notable es la estimacion y confiança que tienen estos índios en el Padre, de modo que se persuaden que solo el Padre es bastante para hacer frente á todos los portugueses; y así, todas las veces que reciben algún agravio, toda su defensa es decir: “Yo he de ir á lo del Padre á quejarme ; nosotros no tenemos más dueño ni amparo que á nuestro Padre, quien es nuestro amador.” (FRITZ, [1691], 1997, p. 111).

pelos cronistas que percebem esta prática como uma forma destes indivíduos demonstrarem que desejam ser cristãos e manter as práticas católicas.

Em escritos posteriores aos de Figueroa, verificamos que esta prática, de fato, é comum. Isso porque, como citamos anteriormente, o padre vai tomando forma não só de responsável pela espiritualidade dos indígenas, mas também pela segurança dos mesmos. Samuel Fritz, por exemplo, em seu Diário de 1691, nos mostra alguns momentos em que as enchentes periódicas, não permitiam a sobrevivência no local sem conhecimentos específicos, que os padres não possuíam. Desta forma, os indígenas tinham influência na permanência do missionário na missão, bem como tinham influência no abandono delas por parte do padre.

Dentro dos *pueblos*, o cotidiano era marcado por trabalhos voltados para a missão de modo geral – trabalhos comunitários, se assim podemos chamar. O que o padre precisava ensinar não era só ensinar a fé católica, mas todo um modo de vida. Os índios deveriam aprender hábitos que iam do vestuário aos moldes cristãos, até as práticas de agricultura.

A grande maioria dos escritos sobre a doutrinação dos indígenas de idade mais avançada costuma relatar que eles mesmos se excluía das pregações, alegando não ter mais memória para decorar a doutrina. Aparecem como pessoas que queriam estar na missão e participar das atividades dela, mas não conseguiam recordar-se dos ensinamentos. Alguns relatos neste sentido são mesmo excepcionais, como o do Padre Antonio Fernández de Encisso que, após seis ou sete meses de catequese, teria conseguido fazer com que até mesmo os idosos tivessem aprendido as orações.

En esse tiempo les enseñó a rezar y aprienderan todos, chicos y grandes, hastalos muy viejos, las oraciones en castellano, cosa que no creyera, porque en otras partes, los de mayor edad se dan por excluidos de tomar de memoria. Viendo el Hermano el buen natural, la voluntad y desseo que tenían de ser christianos, echando de ver que non abria comodidad de que fuesse sacerdote á hacerlo de espacio, los bautizó á todos, industriándolos primero bastantemente y bien en los misterios de fée con un intérprete fiel que entendía el catellano (...) (FIGUEROA [1661], 1986, p. 238)

No dia a dia, existia uma determinada tolerância a certos hábitos antigos, geralmente medidos pela faixa etária e pelo sexo. Mas o que parece predominar é o caráter de inconstância dos nativos, de modo geral. A frequência com que os registros apontam os esquecimentos e o retorno aos hábitos antigos nos leva a perceber que os

missionários reforçam a questão de que a presença deles é importante para que os convertidos não percam o que já aprenderam. Assim, a supervisão é a garantia de que será dada continuidade aos novos hábitos e que a ausência do missionário provocaria um retrocesso que levaria ao retorno aos antigos costumes.

O padre passava vários ensinamentos e orações, mas não de forma que fossem iguais para todos, para que, assim, um pudesse ensinar ao outro o que aprendera:

(...) les enseñan a vnos el Paternoster; á otros el Ave Maria, y á otros El Credo, etc., y pasan de vnas á otras conforme ban deprendiendo, tomándoles el Padre á sus tiempos cuenta de todo, corrigiendo y castigando á los descuydados. (FIGUEROA [1661], 1986, p. 189).

O quadro que é apresentado nas crônicas nos mostra que os missionários tinham relativa autonomia no que se refere à tolerância com que aceitavam o “ritmo” próprios dos índios, uma vez que a introdução dos costumes cristãos vai se dando de forma gradativa e lenta. Mesmo porque o jesuíta dependia da adesão do nativo e, desta forma, as adaptações e ajustes eram comuns. Mais uma vez, podemos perceber que a relação está baseada na maneira como se dá a negociação: com flexibilidade e com a atuação de todas as partes envolvidas.

Considerações finais

A instabilidade continua foi maior característica das Missões de Maynas, mesmo após as tentativas dos jesuítas em promover maior controle sobre as populações. O pequeno número de padres na região aponta para o fato de que, sem o auxílio dos indígenas, não teria sido possível a sua permanência na região. Ainda que muitos dos contatos ou acordos tenham sido estabelecidos através de imposição violenta (com escoltas armadas), os intérpretes e os acordos por meio da troca de presentes e de intermediários tiveram grande importância.

O que podemos perceber após as reflexões desenvolvidas nesta pesquisa é que a violência - que geralmente é uma das características do “encontro” mais abordadas pela historiografia tradicional - talvez tenha ofuscado as diversas outras possibilidades de interpretação dessas interações. É certo que a ausência de textos indígenas impõe limites para o que podemos recuperar deste passado pois, mesmo que contemos com métodos

refinados de investigação histórica, utilizamos somente a documentação ocidental de que dispomos²⁰. Apesar disto, a tentativa de ler estes textos coloniais descentrando o foco, ou variando o foco, dos jesuítas para os índios, pode ser reveladora de novos ângulos da questão.

Referências Bibliográficas

- BOCCARA, Guillaume. **Antropologia diacrônica. Dinâmicas culturais, processos históricos, y poder político**. Revista Novo Mundo Mundos Nuevos, [En línea], BAC - Biblioteca de Autores del Centro, Boccara, Guillaume, Puesto en línea el 14 février 2005. URL : <http://nuevomundo.revues.org/index589.html>. Acesso em: maio de 2010.
- CERTEAU, Michel. **A Escrita da história**; tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica [de] Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forence Universitária; 1982.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. **História dos índios no Brasil**: Introdução a uma história indígena. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1992.
- CYPRIANO, Doris Cristina Castilhos de Araújo. Margens do rio Madeira e Tapajós, situação de Contato e Dinâmica Social – Séculos XVII e XVIII. **Tese** (Doutorado em Estudos Históricos Latino-Americanos) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos [2005].
- FIGUEROA, Francisco. Informe de las misiones del Marañon, Gran Pará e río de las Amazonas [1661]. In: FIGUEROA, Francisco de; ACUÑA, Christóbal de. et. al. **Informes de Jesuitas en el Amazonas**, Monumenta Amazónica. Iquitos: CETA, 1986.
- FRITZ, Samuel. **Diário del Padre Fritz**. Edición de Hernán Rodriguez Castelo, Quito, 1997.
- GARCÍA, Lorenzo O. C. D. **Historia de las misiones en la amazonia ecuatoriana**. Quito: Ediciones Abya-Yala, 1999.
- LONDOÑO, Fernando Torres. Contato, guerra e negociação: redução e cristianização de Maynas e Jeberos pelos jesuítas na Amazônia no século XVII. São Leopoldo: **Revista de História UNISINOS**, v. 11, nº 02, maio/agosto de 2007.
- MARTINS, M. Cristina Bohn. **As sociedades indígenas e a economia do dom: o caso guarani**. <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3125&secao=324> acesso em junho/2011.
- NOVAES, Adauto (org.). **A Outra Margem do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- PEDRO, Juliana de Castro. Embates pela memória: narrativas de descoberta nos escritos coloniais da Amazônia Ibérica. 2006. **Dissertação** (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo [2006].

²⁰ Conforme nos ensina De Certeau (1985).

RODRIGUEIRO, Jane. Tensão e redução na várzea: as relações de contato entre os cocama e jesuítas na Amazônia do século XVIII 1644 – 1680. **Dissertação** (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica [2007].

RODRÍGUEZ, Manuel. **El Marañón y Amazonas**, Historia de los descubrimientos, entradas y reducción de naciones, trabajos malogrados de algunos conquistadores y dichosos de otros, así temporales, como espirituales, en las dilatadas montañas y mayores ríos de América, escrita por el padre Manuel Rodríguez, de la Compañía de Jesús, procurador general de las provincias de Indias en la corte de Madrid. Madrid: Impr. de Antonio González de Reyes, 1684.